

Actas del
IX Congreso Internacional
de la Asociación Hispánica
de Literatura Medieval

(A Coruña, 18-22 de septiembre de 2001)

III

Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica
de Literatura Medieval, 2005.

© Carmen Parrilla
© Mercedes Pampín
© Toxosoutos, S.L.

Primera edición, septiembre 2005

© Toxosoutos, S.L.
Chan de Maroñas, 2
Obre - 15217 Noia (A Coruña)
Tfno.: 981 823855
Fax.: 981 821690
Correo electrónico: editorial@toxosoutos.com
Local en la red: www.toxosoutos.com

I.S.B.N. obra conjunta: 84-96259-72-2
I.S.B.N. volumen: 84-96259-75-7
Depósito legal: C-2072-2005

Impreso por Gráficas Sementeira, S.A. - Noia
Reservados todos los derechos

“Dos benefícios de Deus, “Livro da consciência e do conhecimento próprio”, “Da amizade e das qualidades do amigo”: três tratados cartusianos e sua edição

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
Universidade Estadual de Feira de Santana

Introdução

A obra “Castelo Perigoso”, tradução de uma longa epístola francesa, escrita por Frère Robert, monge cartuxo, para sua prima, Soeur Rose, freira da Ordem Fontevrault, encontra-se entre as obras pouco estudadas do período medieval português.

São conhecidos dezesseis apógrafos franceses, dentre os quais doze são classificados como manuscritos pessoais e quatro como adaptações ou refundições do original. Os apógrafos conhecidos esclarecem que a obra foi compilada e ordenada por uma monja pertencente à mesma ordem que a destinatária.

Em Portugal foi traduzida no Mosteiro de Alcobaça, existindo atualmente dois manuscritos de posse da Biblioteca Nacional de Lisboa.¹ A versão portuguesa constitui, na realidade, uma adaptação livre do original francês, pois não há uma correspondência precisa que possa ter originado a tradução.

Muitos estudiosos demonstraram interesse em editar a obra “Castelo Perigoso”, que consta de sete tratados, assim designados: 1) Castelo Perigoso; 2) Dos benefícios de Deus; 3) Livro da consciência e do conhecimento próprio; 4) Da amizade e das qualidades do amigo; 5) Das penas do inferno; 6) Das alegrias

¹ Cota na Biblioteca Nacional de Lisboa: ALC 199 e ALC 214.

do paraíso; 7) Livro dos três caminhos e dos sete sinais do amor embebedado.

1. Proposta de trabalho

Os tratados “Dos benefícios de Deus”, “Livro da consciência e do conhecimento próprio” e “Da amizade e das qualidades do amigo” figuram entre os tratados “Castelo Perigoso” e “Das penas do inferno”, sendo considerados o segundo, o terceiro e o quarto tratados, respectivamente. A proposta deste trabalho consiste em editá-los semidiplomática e criticamente, à luz dos modernos critérios filológicos.

2. O conteúdo dos tratados

O segundo tratado, *Dos Benefícios de Deus*, assim como o primeiro, *Castelo Perigoso*, foi traduzido do francês. Contudo, as *Horas da Cruz*, em verso francês, foram suprimidas da tradução portuguesa. Segundo Martins, este mesmo texto encontra-se em *Laudes e Cantigas Espirituais*, da primeira metade do século XV, de Mestre André Dias, em verso português, e que são parecidas com as que figuram no *Livro das Horas*, em latim.² Esse tratado desdobra, amplamente, um trecho do primeiro acerca da comunhão (cap. 47). O próprio autor, a partir de uma nota no cap. 69 acentua o fato, levando-se a supor ser ele o autor do primeiro tratado. Nos capítulos 70 a 81 são apresentados os doze frutos espirituais do Santíssimo Sacramento, voltados para a Paixão.

O terceiro tratado, *Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio*, traz conselhos do autoconhecimento. São abordados os seguintes temas: alma enamorada de Deus (cap. 83), vaidade do mundo (caps. 84-85) e conselhos espirituais (caps. 86-88). A partir do cap. 89 passa-se a tratar do autoconhecimento. No cap. 91, há uma passagem referente aos sofrimentos de Jesus. Esse trecho remete ao primeiro tratado, no qual, o autor, em sete capítulos (40-46), refere-se à Paixão de Cristo.

² M. Martins, “Os sete tratados cartusianos do códice CCLXXVII/199, de Alcobaça”, in *Estudos da literatura medieval*, Cruz, Braga, 1956.

O quarto tratado, *Da Amizade e das Qualidades do Amigo*, é o mais breve de todos. Apresenta-se em oito capítulos, sendo cinco dedicados às qualidades que se deseja num amigo: discricção, bondade, boa consciência, modéstia, fidelidade e que “nom seja sanhudo nem bravo”. Sem isso, a amizade não será preservada.

3. A versão portuguesa dos tratados

O tratado medieval *Castelo Perigoso* (mss. 199/ant. 276 e 214/ant. 275) é uma adaptação livre de *Le Chastel Périlleux*, obra de Frère Robert, monge cartuxo, dedicada à sua prima, Soeur Rose, monja da Ordem Fontevrault.³

A autoria da versão portuguesa do original francês escrito por Frère Robert é atribuída a um monge do Mosteiro de Alcobaça, que a realizou na primeira metade do séc. XV. Há várias discussões quanto à autoria da versão portuguesa, alguns estudiosos atribuem-na a Frei Fructuoso e outros a Frei Carlos de Lisboa. Porém, não há uma informação precisa a esse respeito.

4. Os códices

Os dois códices alcobacences, ms. 199 (ant. 276) e ms. 214 (ant. 275), que compõem a tradição medievo-portuguesa do *Castelo Perigoso* se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa sob a cota: ALC 199 e ALC 214.

O códice do ms. 199 é constituído por 160 fólios membranceos, medindo aproximadamente 285mm x 200mm, repartidos em vinte cadernos, de oito fólios cada um, com a ligadura em cordão. Consta do primeiro caderno a “Tábua de Capítulos”, que é precedido por duas folhas de guarda em pergaminho, que contêm um texto em latim, em duas colunas, de teor religioso porém não identificado, seguidas de duas folhas de guarda em papel. A primeira folha de guarda em papel traz, a lápis, a paginação “02”, seguida, a lápis azul, pelas cotas “XIV” e “199”.

³ Frère Robert, *Castelo perigoso*, Códice Alcobacense 199, Biblioteca Nacional, Lisboa [14..?]; Códice Alcobacense 214, Biblioteca Nacional, Lisboa, [14..].

Os cadernos estão completos, em bom estado de conservação e bem ordenados, não havendo lacunas entre eles. A encadernação, no entanto, apresenta problemas de conservação.

A numeração dos fólios se dá da seguinte forma: o primeiro caderno traz, no ângulo superior direito, uma numeração arábica em preto; os cadernos seguintes apresentam, além da numeração já citada, uma romana original em tinta vermelha, no centro da margem superior. Além dessas, há uma outra numeração a lápis em todos os fólios, divergindo das demais em oito fólios.

O códice do manuscrito 214 compõe-se de 100 folhas em papel, medindo aproximadamente 292mm x 207mm. Precedem ao texto duas folhas de guarda em papel, a segunda destas apresenta a seguinte nota escrita a lápis: “A fol. 55 tem a marca d’água mão com estrela que aparece em obras do séc. XV”. Há uma outra marca d’água núm. 11410: uma mão de cinco dedos com a flor de cinco pétalas na vertical do dedo médio. Santana Neto traz a seguinte informação, retirada de Briquet (1923): “é da segunda metade do século XV, confirmando a datação”. Em seguida há uma folha com uma inscrição, provavelmente escrita pela mesma mão que escreveu a encontrada no manuscrito 199.⁴

O códice encontra-se em mau estado de conservação, havendo folhas ilegíveis em decorrência de manchas de umidade. Algumas partes do texto apresentam-se rasgadas e/ou corroídas pela abrasão da tinta.

O códice do manuscrito 214 traz ainda, ao final, duas folhas de guarda em papel. Não apresenta a Tábua de Capítulos e nem tampouco o comentário de encerramento que consta do manuscrito 199.

4.1. Descrição física dos códices

O códice 199 apresenta a seguinte descrição física:

- A mancha escrita mede aproximadamente 195mm x 130mm;

⁴ J. A. de Santana Neto, “Duas leituras”, p. 91.

- A letra do texto é a escrita gótica semicursiva da primeira metade do século XV;
- O número de linhas dos fólhos oscila entre 20 e 24;
- A “Tábua dos Capítulos” é escrita em tinta vermelha e preta;
- O primeiro fólho traz a letra E filigranada em vermelho e azul, com desenho de um castelo ao fundo. As margens esquerda, direita e inferior, que contornam o texto, apresentam decoração nas mesmas cores;
- As letras capitais, em todos os fólhos, apresentam-se ornamentadas em tinta vermelha e azul, havendo uma variação: ora o adorno é vermelho com fundo azul e ora é azul com fundo vermelho;
- O adorno das letras capitais apresenta-se diversificado: única cor e tamanho menor;
- As letras maiúsculas do corpo do texto são em tinta preta adornadas de vermelho;
- Os capítulos, as citações em latim, as rubricas e a numeração romana são em tinta vermelha;
- Em alguns fólhos os capítulos são separados por ornamentos em tinta vermelha. Estes podem ocupar o espaço da sequência de uma linha ou o deixado em branco entre uma linha e outra.

O códice 214 apresenta a seguinte descrição física:

- A mancha escrita mede aproximadamente 280mm x 210mm;
- A letra do texto é a escrita gótica cursiva da segunda metade do século XV ou mesmo do início do século XVI, provavelmente a cinco mãos;
- O número de linhas dos fólhos é oscilante;
- Em cada folha há três numerações: uma arábica, em tinta preta, no ângulo superior direito; e duas a lápis: uma no ângulo inferior direito e a outra no ângulo superior esquerdo, provavelmente posteriores;
- Não há ornamentações. O texto é todo escrito em preto.

5. As edições

5.1. A edição semidiplomática

Optou-se por uma edição semidiplomática por ser um tipo de edição que oferece ao leitor, leigo ou especializado, o conhecimento do modo de escrever do homem de qualquer tempo, seja ele medieval ou antigo, renascentista ou moderno, contemporâneo ou futurista. Assim, a interferência do editor é nula.

Far-se-á, então, uma lição conservadora, mantendo-a, o mais próximo possível do original, desenvolvendo-se apenas as abreviaturas.

5.1.1. Critérios para a edição semidiplomática

- 1) Transcrição rigorosa do texto original, fólio a fólio, linha a linha: Pretende-se, desta forma, apresentar lado a lado, o manuscrito e a sua transcrição, visando facilitar a sua leitura.
- 2) Respeito absoluto pela ortografia e pontuação do texto original: Este critério constitui a essência do tipo de edição que ora se apresenta. Visa-se, com o respeito pela ortografia e pela pontuação, oferecer a quaisquer estudiosos ou ao leitor comum, a maneira exata de escrever do homem medieval, verificando-se com isso as suas imprecisões, flutuações de critérios, incongruências, ou até mesmo o seu nível de aprendizagem ortográfica. Nesse caso, manter-se-ão, conforme o original, as maiúsculas e minúsculas; as palavras unidas e as separadas; as vogais e consoantes geminadas; a oscilação entre <i>, <y> e <j>, <u> e <v>, e marca de nasalidade: ~, n, m.
- 3) Desenvolvimento das abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito: Desenvolveu-se as abreviaturas: o seu uso, indiscriminado na Idade Média, oferece dificuldade para uma leitura nos nossos dias, optando-se por desenvolvê-las, tornando assim o texto inteligível. Destarte, as letras abreviadas aparecem em itálico e negrito.
- 4) Manutenção dos Numerais: Os numerais são transcritos tal e qual aparecem no texto original. Sabe-se que eles são

uma forma de abreviatura, porém mantê-los como foram escritos favorece a compreensão do modo de contar e de exprimir da época.

- 5) Colocação entre [] de tudo o que tenha sido interpretado pelo editor ou acrescentado ao texto original: A utilização deste critério tem por finalidade apresentar ao leitor as intervenções feitas pelo editor nos seguintes casos: omissões devido a rasuras, falhas ou destruição causada pelo tempo.
- 6) Numeração das linhas: Com vistas a facilitar a leitura, o texto é numerado de cinco em cinco linhas, fôlio por fôlio.

5.2. A edição crítica

5.2.1. O texto de base

Para a edição dos três tratados *Dos Benefícios de Deus*, *Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio* e *Da Amizade e das Qualidades do Amigo* será adotado como texto de base (*codex optimus*) o manuscrito 199, por ser o mais antigo e mais completo da tradição medievo portuguesa do *Castelo Perigoso*. O manuscrito 214, de datação posterior, apresenta-se incompleto, sendo utilizado para a elaboração do Aparato Crítico, no qual também figurará a Leitura feita por Augusto Magne.

5.2.1.1. Designação das Versões

Respeitando-se a cronologia dos manuscritos e a leitura parcial existente do segundo (integral) e do terceiro (um capítulo) tratados, estas serão designadas da seguinte forma:

- A Ms. 199 (ant. 276) - Biblioteca Nacional de Lisboa - Cota: ALC 199 - Capítulos: 67 a 115;
- B Ms. 214 (ant. 275) - Biblioteca Nacional de Lisboa - Cota: ALC 214 - Capítulos: 67 a 115;
- C Edição de Augusto Magne - Capítulos 67 a 89. *Boletim de Filologia*, 6 (1946), p. 201 (cap. 67) / *Boletim de Filologia*, 7 (1946), pp. 298-307 (caps. 68 a 89).

5.2.2. Critérios para a edição crítica

Objetivando-se editar criticamente os tratados “Dos benefícios de Deus”, “Livro da consciência e do conhecimento próprio”, “Da amizade e das qualidades do amigo”, tomar-se-á o manuscrito 199 como *códex optimus*, pois a cronologia assim o permite. As variantes entre os manuscritos 199 e o 214 serão apontadas no Aparato Crítico, ao lado de outras lições que porventura tenham alterado o sentido do texto.

1. Transcrição do texto de base, fólho a fólho: Optou-se por esse tipo de apresentação, visando a visualização gráfica do texto de base juntamente com o seu aparato crítico, não sendo necessário ter-se de recorrer a outra página. Sendo assim, cada fólho é editado criticamente em uma única página.
2. Modernização da ortografia: Na edição crítica, optou-se pela modernização ortográfica de acordo com a norma vigente, desde que esta não interfira nas questões de pronúncia da época. Contudo, a incidência deste critério será apontada no aparato crítico. A seguir, os princípios norteadores utilizados:

2.1. Vocalismo

2.1.1. Os grafemas alógrafos <i>, <j> e <y> ocorrem indistintamente, optando-se, nesse caso, pela regularização através da forma mais moderna atestada no texto de base, ou seja, por <i>.

2.1.2. As vogais geminadas foram simplificadas.

2.1.3. Regularização da marca de nasalidade nas vogais, conforme ortografia vigente, nos seguintes casos:

2.1.3.1. Em posição final de sílaba, uniformiza-se com <m> ou <n> a depender da consoante que ocorra a seguir;

2.1.3.2. Em posição final a nasalidade é marcada por <m>.

2.1.4. Manteve-se o uso do til nas vogais cuja substituição levaria a uma pronúncia inexistente na época.

2.1.5. A oscilação na marca de nasalidade das vogais diante de <h>, que ora aparece <nh>, ora <-h>, ora <mh> foi regularizada em <nh>.

2.2. Consonantismo

2.2.1. Os grafemas alógrafos <u> e <i> com valor consonântico foram transcritos respectivamente como <v> e <j>;

2.2.2. Restauração do uso das consoantes nos seguintes casos:

2.2.2.1. Oscilação na utilização de consoantes geminadas e simples;

2.2.2.2. Simplificação das geminadas;

2.2.2.3. Uso do h inicial e medial.

2.2.2.4. Desenvolvimento das abreviaturas: As abreviaturas foram desenvolvidas em itálico.

2.3. União e separação de palavras: As palavras unidas foram separadas e as separadas foram unidas, conforme regra ortográfica vigente.

2.4. Acentuação de palavras: No texto de base só aparece como marca de acentuação o traço sobreposto às vogais indicando nasalidade. Restaurou-se a acentuação conforme ortografia vigente.

2.5. Uso da cedilha: Regularizou-se o emprego da cedilha somente nos casos em que houve oscilação do copista.

2.6. Maiúsculas e minúsculas: Regularizou-se o uso de maiúsculas e minúsculas de acordo com o critério atual de sua distribuição.

2.7. Acréscimos:

2.7.1. Apresentaram-se os acréscimos textuais feitos nas entrelinhas ou nas margens no próprio texto, sendo assinalados no aparato crítico. Quando estes não pertencem ao texto são apenas indicados e transcritos no aparato.

2.7.2. Utilizaram-se colchetes uncinados para indicar os acréscimos feitos por conjectura, devido às razões mencionadas nos critérios para a edição semidiplomática.

2.8. Rasuras: Assinalaram-se as rasuras, indicando-as no aparato crítico.

2.9. Pontuação e divisão do texto:

2.9.1. Manteve-se a pontuação original do texto, modernizando-se os sinais utilizados no manuscrito.

2.9.2. Conservou-se a divisão do texto original.

2.10. Citações: Conservou-se as citações na língua em que figuram, recorrendo-se ao uso do itálico para destacá-las, assim como facilitar a sua leitura. Manteve-se a ortografia nas citações em latim.

2.11. Aparato crítico

2.11.1. Figuram no aparato as intervenções do editor, as variantes de B e de C. O aparato vem em seguida ao texto de base, sendo introduzido pelo número da linha, ao qual seguem-se a lição crítica em negrito e o separador], as siglas dos testemunhos da tradição (A e B) e C representando a leitura de Pe. Augusto Magne. Em se tratando de um aparato negativo, apresentam-se apenas as lições divergentes. Contudo, nos casos de intervenção do editor, esta também é apresentada.

2.11.2. As abreviaturas desenvolvidas não figuram no aparato crítico.

2.11.3. Quando a palavra ou trecho não consta do testemunho, utilizou-se o sinal Δ para indicar a sua inexistência.

2.11.4. Figuraram no aparato crítico todos os casos não previstos nos critérios mencionados.